

MARCUS VINICIUS DA CUNHA



*Ninguém  
Ensina Ninguém:  
Aprende-se*, de Maria  
Nazaré de Camargo  
Pacheco Amaral, São  
Paulo, Edusp/Fapesp,  
2008, 90 p.

**MARCUS VINICIUS  
DA CUNHA**  
é professor do  
Departamento de  
Psicologia e Educação  
da Faculdade de  
Filosofia, Ciências e  
Letras de Ribeirão  
Preto da USP e  
pesquisador do CNPq.

**Uma  
reflexão  
com**

# **John Dewey**

**sobre  
a educação  
contemporânea**

# P

rofessora titular do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral é conhecida por seus estudos acerca de pensadores que contribuíram decisivamente para a constituição dos fundamentos filosóficos da educação na era moderna e na contemporaneidade\*. Essa produção é fruto de uma trajetória de trabalho acadêmico iniciada há mais de 35 anos na FE-USP, incluindo pós-doutorado na Universidade de Bochum, Alemanha, como bolsista da Fundação Humboldt.

*Ninguém Ensina Ninguém: Aprende-se* é também resultado dessa trajetória, pois nesse livro Maria Nazaré põe sua experiência como professora e pesquisadora a serviço de um exame minucioso e atento das relações entre teoria e prática no campo pedagógico. O trabalho é composto por sete ensaios cujo ponto de partida é uma apreciação das ideias de J. F. Herbart, as quais são situadas em confronto com as teses de J. Dewey, o filósofo e educador americano que serve de fundamento teórico às reflexões da autora.

Com a discussão que promove entre Herbart e Dewey, a autora delineia os contornos do que se convencionou denominar Movimento Renovador da Educação, o qual teve o mérito de reverter a “situação sinistra da escola”, em busca de uma “base teórica sólida para apoiar a crença, professada por unanimidade por especialistas no assunto, de que a criança é originalmente ativa e não passiva” (p. 17). Maria Nazaré utiliza os referenciais deweyanos para examinar as bases da educação atual, tomando como principal objeto o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

O primeiro texto do livro, “Educação: Teoria e Agir Prático”, é dedicado a demarcar os aportes teóricos. Começando por Kant, focaliza prioritariamente as teses de Herbart em prol de uma pedagogia científica fundamentada na filosofia prática e na psicologia, cujos conhecimentos viriam oferecer, respectivamente, a definição dos fins e o esclarecimento dos meios da educação. O ensaio se completa com o estudo das proposições de Dewey, destacando a atualidade das contribuições do filósofo para o enfrentamento de problemas atuais da educação.

O quinto e o sexto capítulos complementam a exposição analítica do pensamento deweyano. Seus títulos são ilustrativos dos temas abordados: “Dewey: Educação, Natureza Humana e Meio Ambiente” e “Dewey, Educação e as Relações entre o Lado Psicológico e o Social, o Individual e o Coletivo”. Percorrendo várias obras do autor (*Democracy and Education*, *The Public and Its Problems* e *The Quest for Certainty*, entre outras) e utilizando sempre a leitura dos originais em língua inglesa, Maria Nazaré atinge o cerne do ideário do filósofo, em diálogo constante com questões educacionais contemporâneas.

Com essas análises, a autora firma com clareza seu posicionamento em favor da fusão entre teoria e prática, dizendo: “Acreditado que só um educador bem respaldado do ponto de vista teórico terá condições de conscientemente tirar proveito e ensinar com

\* De sua autoria, ver, por exemplo, *Dilthey: um Conceito de Vida e uma Pedagogia* (São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1987) e *Dewey: Filosofia e Experiência Democrática* (São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1989), bem como vários artigos em periódicos nacionais e estrangeiros.

engajamento consistente”, de maneira a oferecer a seus alunos condições “para que eles exercitem sua liberdade para crescer, aprendendo ou aproximando-se do saber a partir de sua assimilação”, podendo tornar “seu o conhecimento” e “desenvolver competência para socialmente explorá-lo” (p. 36).

É munida dessa convicção que Maria Nazaré escreve o segundo texto do livro, “Pisa: Tentativa de Explicitar seus Pressupostos”, em que se encontra uma ampla explanação acerca da origem e dos objetivos do referido programa, relacionando os critérios pragmáticos que o norteiam às formulações do pragmatismo de Dewey. Nos fundamentos do Pisa que dizem respeito a conhecer e aplicar o conhecimento, a autora identifica as noções deweyanas de reconstrução contínua da experiência e de aprendizado autorregulado, as quais efetivam o hábito de pensar e o aprender com autonomia, o aprender a apreender – ideia que justifica o título do livro.

O terceiro ensaio, “Depois do Pisa, Pita”, discorre sobre um programa ainda em elaboração pela OCDE, que terá as mesmas bases teóricas do primeiro, aplicadas à avaliação de professores. O quarto capítulo, “Ensino por Competências”, faz considerações acerca dos instrumentos de avaliação de alunos de que dispomos no Brasil, como o Saeb e o Enem, perguntando por que tal investimento – segundo palavras da autora – “acaba sendo em vão” (p. 51).

O texto enfrenta com ousadia o tema dos limites do trabalho do professor, postulando a necessidade de uma didática condizente com um ensino pautado na liberdade do aluno para aprender.

A última parte do livro apresenta, como diz o título, uma proposta de “Filosofia da Educação como Disciplina Autônoma”. Retomando o debate com Herbart, a autora valoriza a crença do pensador alemão na educabilidade, mas se afasta dele no que diz respeito à subordinação do educando à “imposição autoritária de conteúdos e matérias de ensino” (p. 79). Maria Nazaré, então, recorre novamente a Dewey para dialogar com outros teóricos – como Reboul, Whitehead, Dilthey e Montaigne – no intuito de propor o que denomina um “balanço triangular das relações entre concepção de natureza humana, concepção de tarefa educacional e concepção de cultura” (p. 90).

*Ninguém Ensina Ninguém: Aprende-se* é uma contribuição de grande valor, seja pela amplitude dos teóricos que aborda, seja pelo diálogo que mantém com as tentativas destinadas a consolidar a presença da filosofia na educação, seja pelo posicionamento sólido assumido pela autora. Maria Nazaré nos apresenta um livro cuja leitura é indispensável a todos os que se interessam por compreender o panorama atual da educação por meio de referenciais históricos e filosóficos.